

O que queres dizer,

Bia?

O que queres dizer,
Bia?

Beatriz Silva

Obrigado por me ensinares a forma mais pura de amar. Não existem palavras em nenhum idioma que consigam exprimir o quão fazes falta nesta casa. Fizemos tudo o que podíamos, mas eras demasiado bom para o mundo, por isso partiste, por seres melhor que qualquer outra criatura.

“ Descansa, eu amo-te e sei que um dia vou-te ouvir miar mais uma vez.”

FICHA TÉCNICA

Título: O que queres dizer, Bia?

Autora: Beatriz Silva

Lançamento 1ª edição: fevereiro de 2022

Todos os direitos reservados

Editora transmissora: Bookmundo

I

Este mundo está em constante mudança.

O surgimento de novas espécies, a invenção da tecnologia, a evolução física e intelectual do ser humano... Tantas mudanças aconteceram e eles não são capazes de mudar as escolas!

Eu fico frustrada sempre que vejo imagens de como era a escola na época dos meus avós, ou até mesmo bisavós e percebo que em comparação com a minha realidade, a única alteração foi a abolição da violência contra os alunos e um

projektor para os professores terem mais facilidade em ensinar a apresentar a matéria. Porém, ter de ficar numa sala de aula tanto tempo com a pressão de que se não soubermos o conceito de algo, vamos ter menos pontos no teste e consequentemente ter uma nota infeliz no final do ano letivo.

Isto são pensamentos de uma adolescente que acabou de sair de um teste de Filosofia. Acabo de sair da sala de aula com os meus colegas de turma e um sentimento de frustração, pois não consegui responder corretamente a uma das questões mais valorativas.

A pergunta pedia pela definição universal de um termo filosófico que eu sei explicar o que é, mas não consigo dar uma definição clara, pois eu tive a infelicidade de não conseguir decorá-la do livro. Isto é algo tão estranho nos testes, quer dizer, não é como se no dia a dia eu não pudesse simplesmente pesquisar o termo que eu preciso. Supostamente a escola é um lugar para nos preparar para a vida profissional e não para ver qual daquelas 23 pessoas daquela turma tem melhor memória.

— Bianca, o teste já passou, podes tirar essa cara de raiva agora. — diz Alice que caminhava ao meu lado em direção à saída da escola. Ela parecia estar tranquila, portanto ou o teste correu-lhe bem ou ela simplesmente não se importa.

Como não estava de muito bom humor, apenas sorri para ela e continuamos a caminhar em silêncio com os outros da turma.

Estou no secundário há apenas três meses e devo dizer que não era nada do que esperava. No ano passado eu estava tão empolgada com as novas disciplinas que teria, um outro horário e até mesmo conhecer pessoas novas. Pensar que não teria mais de ter disciplinas como física e química, no curso de ciências socioeconómicas, era outro motivo do meu entusiasmo.

Porém, esse entusiasmo nestes últimos dois meses tornou-se escasso. Tanta pressão vinda de toda a gente, desde os professores até à minha própria família para ter as notas necessárias para entrar na faculdade aqui na cidade. Antes eu estudava apenas para passar de ano e para ganhar dinheiro do Estado pelo meu bom mérito na escola, mas agora que

preciso tirar boas notas para concorrer ao ensino superior, elas parecem que nunca chegam, por mais que me esforce.

Tantas horas a estudar a ler os livros, a pesquisar e a pôr em prática com exercícios, para no final a minha nota não chegar nem perto do excelente.

E como se já não bastasse eu ceder todo o meu tempo livre para os estudos, ainda tenho de lidar com os problemas de ser uma adolescente. Ter de conviver com pessoas que eu não gosto, estar constantemente revoltada com o mundo e as hormonas que estão sempre aos saltos.

O único alívio que tenho disto tudo são os poucos amigos que eu fiz nesta turma, incluindo a Alice que agora subia a rua comigo com passos apressados para não perdermos o autocarro. Felizmente, desta vez, conseguimos apanhá-lo, senão teríamos de esperar mais 30 minutos pelo próximo e ambas estávamos com imensa fome.

Sentamo-nos nos dois primeiros lugares livres que vimos e soltamos um suspiro de alívio em simultâneo. Duas pessoas que tiveram uma longa manhã apenas a querer ir para o conforto das suas casas naquele dia nublado.

— O que vais fazer depois de almoçar, Bia?

— Vou começar a preparar a apresentação de inglês. —
respondo à pergunta dela e o resto da viagem até à minha
paragem foi acompanhada por uma conversa sobre essa
apresentação que seria sobre o mundo do trabalho e a última
do período.

Ao chegar na minha paragem despedi-me dela e comecei a
fazer o percurso muito conhecido por mim e felizmente
curto até à minha casa.

Sim, esta é a minha vida. Algo rotineiro e sem emoção.
Todos os dias parecem ser exatamente iguais, sem dramas,
sem pessoas novas ou recebimento de boas notícias. Se eu
fosse a personagem principal de alguma história, ia ser
aquele livro que as pessoas nem param para ler a sinopse, de
tão monótona que é a minha vida.

Tão monótona que nem mesmo tenho alguém em casa
para me receber da escola, apenas o meu gato Remus que
veio a meu encontro para me pedir carinho. Tirando ele, eu
moro com os meus pais e é raro eles estarem em casa antes do
final da tarde por causa do trabalho.

Um pai que acorda bem cedo todos os dias para trabalhar
para a construção civil e uma mãe que acorda cedo para

poder tratar da casa e ir trabalhar como empregada de limpeza para uma empresa mais tarde. Ambos esforçam-se imenso para poder me dar tudo o que preciso e com 15 anos felizmente consigo perceber o tamanho esforço que fazem. Noção essa que muitas crianças não têm, mas elas não podem ser julgadas por isso, afinal elas não têm noção e os pais não querem que elas a tenham.

Para mim eles são as melhores pessoas do mundo, mas também tenho consciência de que eles têm os seus defeitos, assim como qualquer outro ser humano e infelizmente são defeitos que eles não parecem estar dispostos a corrigir.

Desde sempre eu ouço tanto nos desenhos animados, das outras pessoas ou até mesmo na escola, que os nossos pais têm sempre razão e eles é que sabem o que é melhor para a gente. Bom, talvez seja o meu lado adolescente revoltada a falar, mas eu odeio essa ideia que muita gente tem dos progenitores.

O fato de terem sido os meus pais a colocarem-me neste mundo, não significa que necessariamente eles estejam certos em tudo e saibam aquilo que me vai fazer feliz. Eles podem impedir-me de fazer algo errado e que me possa prejudicar,

mas os pais no geral têm de entender que não podem mudar quem nós somos.

Isto foi algo que eu comecei a argumentar comigo mesma desde os meus treze anos, quando eu ouvi a minha mãe chamar de nojento a um ato de amor que passava na televisão. Foi uma demonstração de amor não muito diferente daquilo que eu via nas animações quando era criança, mas ainda assim era diferente. Não sei dizer que filme ou série era, pois antes de eu poder ver o nome, a minha mãe desligou a televisão abruptamente, mas o que eu vi ali foram duas mulheres num parque a trocar um beijo que parecia bastante apaixonado. Eu não entendi o porquê da minha mãe ter achado aquilo errado, afinal o amor supostamente não era algo bonito e mágico?

Como uma menina que nasceu na era da tecnologia, bastou uma pequena pesquisa no meu telemóvel, dado no meu aniversário de 12 anos, para descobrir uma comunidade com essas pessoas que demonstravam amor de uma maneira diferente de todos aqueles casais. A comunidade LGBTQIA+.

À medida que eu ia descobrindo mais, mais confusa eu ficava, afinal porque algo tão bonito e natural foi chamado de nojento pela minha mãe? A minha mente inocente decidiu acreditar que eu tinha entendido a situação errado e não era o ato de beijo entre duas mulheres que era nojento na visão da minha mãe e sim uma outra situação do filme que eu não tenha percebido. Eu era muito feliz a pensar isso, mas conforme eu ia crescendo mais eu entendia o quão triste é o mundo em que vivemos.

Já não bastava eu descobrir toda a homofobia que existe no mundo, mas descobrir que os meus pais faziam parte desse grupo era algo que eu simplesmente não poderia aceitar com naturalidade. E agora podem até pensar que apesar de eles estarem errados, pelo menos eu não sofro com esse preconceito, pois eu sou uma mulher que gosta de homens. Isso é verdade, eu realmente não sofro com esse preconceito e realmente sinto atração por rapazes, mas isso não acaba com o meu sofrimento e angústia, afinal o motivo de eu não sofrer preconceito é porque eu estou mais dentro do armário do que aquela roupa que não nos serve mais e temos pena de doar.

Eu não estava a mentir quando disse que sentia atração por homens, porém com 13 anos eu percebi o quão admiráveis as mulheres são e essa admiração mais tarde foi entendida por mim mesma como atração. Eu sou alguém que sente atração por mais de um género, sou uma pessoa bissexual e não tem nada errado com isso!

Esta última afirmação não recebe a concordância de todos, mas sinceramente eu sou feliz em ignorar essas pessoas e apenas aproveitar a minha vida ao máximo e soltar suspiros por atrizes e atores bonitos enquanto as minhas amigas ficavam apenas pelos atores. As únicas pessoas que eu não consigo evitar sentir angústia em saber dos seus pensamentos são aquelas que trabalham imensas horas por dia para poder sustentar uma vida de qualidade para mim.

Juro que eu tentei. Tentei mencionar outras pessoas que pertencem à comunidade LGBTQIA+ para ver se eles mudavam de ideias, mas eu sempre ouvia a mesma frase.

"Eu respeito, mas não quero que façam na minha frente."

Com este "façam", eles referem-se às demonstrações de afeto entre os casais não heterossexuais, com a desculpa de que é impróprio. E não estou a falar de demonstrações de afeto como relações sexuais ou algo remetente a isso, estou a falar de trocas de beijos, abraços e carinho, ou seja, aquilo que nós vemos um monte de casais héteros fazerem.

O mais curioso disto tudo é que se uma pessoa com homofobia ver um rapaz a beijar uma menina no parque, ela no máximo vai achar fofo e seguir em frente e nunca mais se vai lembrar deles. Porém se fosse, por exemplo, dois rapazes ali, essa pessoa iria se lembrar para o resto da vida que viu duas pessoas do mesmo sexo no parque. Isto se essa pessoa não tiver vergonha na cara para ir até ao casal fazer comentários que lhes arruinariam o resto do dia.

A esperança que eu e muitas outras pessoas oprimidas temos é que com a nova geração, mais ninguém precise se esconder para evitar comentários opressores dos outros. Mas até não me sentir confortável em lidar com eles, vou-me contentar em apenas falar sobre isso com os meus amigos mais próximos.

Claro que eu não planeio esconder isso da minha família, afinal eu odeio esconder algo deles, porém só estarei com coragem para ter essa conversa quando finalmente conquistar a minha independência. Assim, se eles não aceitarem, pelo menos posso lidar com isso numa casa que não seja a deles. As imensas vezes que eu ficava tensa quando ficava com alguma menina no meio da rua, por medo que algum conhecido visse é algo que nunca senti quando ficava com meninos. Só de pensar nos meus pais desconfiarem que eu já beijei duas raparigas na minha vida, dá-me calafrios.

Bom, isto são reflexões minhas enquanto como o meu almoço, um dos únicos momentos do dia onde os estudos não assombram os meus pensamentos. É incrível a diferença que um rolo de carne faz. O movimento vegano que me perdoe.

Depois de desfrutar do almoço com a companhia do apresentador da televisão, fui para a sala de estar, onde estava o meu portátil. Agora de estômago cheio estou mais disposta a ensaiar esta apresentação que será a última atividade avaliativa antes de entrar nas férias de Natal. Sortudos são aqueles que sabem inglês fluente e nem precisam fazer

roteiro para terem um ótimo trabalho. Sim, eu estou com inveja.

A cada parágrafo decorado era como um passo a mais para o grande destino e eu sabia que não podia parar com a caminhada agora, senão a minha boa nota já era.

Fiquei a tarde toda naquilo, nem pausa para o lanche fiz, mas o que importa é que mais tarde eu fui dormir com o alívio de que tinha cumprido com o meu trabalho. Só falta agora apresentá-lo a vinte e três pessoas e tentar não ficar tão nervosa. Apresentações orais deveriam ser proibidas para pessoas tímidas e não há ninguém que me convença do contrário.

No dia seguinte, estava de novo na sala de aula em pé de frente para os meus colegas e de costas para a tela onde era projetado o conjunto de imagens que me ajudava com a apresentação. Felizmente ninguém estava a olhar torto para mim e a professora parece que está interessada no meu tema.

A sensação de que a minha apresentação estava a correr bem era boa, mas nada se compara à sensação de sentar-me na cadeira com o pensamento de que não teria mais avaliações para me preocupar nas próximas semanas.

— Muito bem Bia, conseguiste apresentar sem desmaiar!
— diz Filipa, uma amiga minha que senta atrás de mim.

— Obrigada, Filipa. Eu já deveria ter nota máxima só por não ter desmaiado. — respondo à sua brincadeira. Antes de levantar-me para ir apresentar, ela reparou no meu grande nervosismo e ajudou a acalmar-me com alguns exercícios de respiração.

O resto da aula foi passado a ouvir as apresentações dos meus colegas, algo bastante aborrecido na minha opinião, mas pelo menos estava tranquila.

Só saímos da sala depois que a última apresentação acabou, o que nos roubou uns 10 minutos do intervalo, deixando-nos com apenas 5 minutos livres antes da aula de matemática.

— Aquela mulher acha que somos o quê para nos manter ali depois da hora? — reclama Lara enquanto ajeitava a sua maquilhagem com a ajuda da câmara do telemóvel.

— Para ela não deve ser sufocante ficar em sala de aula mais de hora e meia — resmunga Inês enquanto comia o seu lanche.

Todas nós temos personalidades completamente diferentes umas das outras, mas parece que é isso que torna a nossa amizade algo único e especial.

A menina que vem sempre comigo no autocarro para ir para a escola e para ir embora é a Alice. Ela foi a primeira pessoa com quem criei algum tipo de laço naquela turma. Além de estudiosa, fala tudo o que pensa sem se importar, bastante sarcástica e consegue arranjar um rapaz novo todas as semanas, pois ela consegue chamar a atenção facilmente com a sua personalidade cativante, os seus cabelos negros ondulados e olhos verdes.

Depois de fazer amizade com Alice, acabei por sentir-me mais à vontade para falar com as outras pessoas e assim criar coragem para conversar com a minha colega de trás Filipa, o que não foi fácil. A mesma é bastante tímida e manter uma conversa longa com a mesma no início parecia algo impossível, mas depois de umas semanas consegui conhecer melhor aquela ruiva dos olhos azuis. Para além de tímida, ela tem uma bondade que não sabia que o coração de um ser humano poderia carregar e apesar de não ser uma característica muito vista em pessoas introvertidas, ela às

vezes faz piadas muito boas que arrancam risadas de todas nós.

Foi a Filipa que depois me apresentou à Inês, uma menina que, assim como eu, senta-se na primeira fila, mas tem três pessoas entre nós. Inês é outra pessoa bastante tímida e envergonhada, de tal maneira que antes nem sabia como era o som da sua voz direito. Eu só fui descobrir que por detrás daquela pele negra, olhos da cor âmbar e cabelo crespo tem alguém que tem esperança num mundo melhor e quer ver toda a gente bem, até mesmo pessoas que lhe fazem mal. Ela é como a mãe do grupo, aquela que dá os melhores conselhos e nunca toma atitudes por impulso.

No entanto, alguém que toma muitas atitudes por impulso é a Lara. Com cabelo castanho claro e ondulado, olhos pretos e pele bronzeada, Lara é bastante vaidosa, faz muitas compras tomadas pelo impulso e parece muito com aquelas adolescentes mimadas e ricas das séries americanas, exceto que ela não é rude e não menospreza ninguém. Pode ser bastante convencida e preocupar-se mais com a sua aparência do que qualquer outro atributo, mas ela consegue

ser uma ótima amiga, daquelas que esfrega na tua cara a verdade que ninguém tem coragem de contar-te.

E para além destas quatro, também tive o prazer de conhecer a Rita, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci. Com cabelos loiros e lisos, e olhos castanhos, ela tem uma capacidade de armazenar conhecimento que eu tenho bastante inveja e ela junto com a Alice são as pessoas mais extrovertidas do grupo e é a única de nós as seis que está num relacionamento amoroso sério com alguém. Ela conheceu Simão no verão antes das aulas começarem e entraram num relacionamento sério na primeira semana de aulas e fazem um casal maravilhoso. Na primeira vez que o vi, achei que ele tinha saído diretamente de um filme sobre surf, pois o mesmo tem pele bronzeada como se ele ficasse o tempo todo na praia, cabelo loiro escuro e o seu olho é da cor azul escuro. O mesmo estuda na mesma escola que nós, mas como é do curso de humanidades, não é comum vê-lo no nosso pavilhão e o próprio casal diz que eles tem muitos lugares para se verem para além da escola.

Pessoas completamente diferentes que conseguem se entender, mesmo não concordando com tudo. Eu diria que a única coisa que todas nós concordamos é que ficamos demasiado tempo naquele espaço fechado. Só deu tempo da Filipa acabar o seu lanche antes de chegar a hora da aula de matemática.

Mais uma vez estamos aqui sentados a passar alguns conceitos do quadro dados pela professora. É nestes momentos, onde tenho de copiar com rapidez, que percebo o quanto a minha letra pode ser feia.

— Ó Inês! Tira esse cabelo da frente! — grita Rúben lá do fundo da sala. Como sempre a Inês apenas ignorou e continuou a escrever enquanto algumas pessoas ainda riam do comentário.

— Não façam isso! Ela ainda nos processa por racismo ou algo parecido! — diz Maria, a delegada da turma, que apesar de ter falado aos sussurros, deu para ouvir na sala toda devido ao silêncio.

Às vezes tenho que me controlar para simplesmente não chutar a cara daquelas crianças em corpo de adolescentes. Aliás, nem lhes posso chamar de crianças, pois nem elas têm